



O candidato do Missão escolhe reduto da esquerda para primeiro ato de campanha e defende “desfavelização”, superpresídios e redução de municípios

Renan faz campanha em frente à USP

O candidato do Missão à Presidência, Renan Santos, faz hoje o primeiro ato de campanha e escolheu como cenário um local que se tornou famoso por ser território da esquerda: a área em frente à Faculdade de Direito Largo do São Francisco da Universidade de São Paulo (USP), no centro da capital paulista. Ironicamente, um dos fundadores do Movimento Brasil Livre (MBL) optou pelo local que, historicamente, celebrou várias manifestações contrárias ao que defende, como recentemente houve manifestações em favor de punições mais rigorosas contra os participantes do 8 de janeiro. Renan criticou o vandalismo, mas considera as penas impostas rígidas em excesso.

A pesquisa Quaest, divulgada anteontem, mostra que o candidato do Missão tem 4% das intenções de voto empatado tecnicamente com o candidatos Ronaldo Caiado (PSD), ex-governador de Goiás.

Às vésperas do evento, Renan apresentou seu plano de governo intitulado Livro Amarelo em que elencou as prioridades do seu governo, caso seja eleito. Em 14 capítulos e 51 páginas de resumo, ele sugere a reorganização do Estado, prioriza o ajuste fiscal, a segurança pública, a infraestrutura e medidas para aumentar a produtividade. Ao tratar da área social, propõe a “desfavelização” chamada de “chaga civilizacional”, além da construção de “superpresídios” e o fim das cotas.

Megrapresídios

A ideia é incentivar a construção de moradias, relacionando

Reprodução/Instagram



O presidencialável propõe medidas ousadas para chegar ao Planalto e inspira-se no modelo de El Salvador

habitação à urbanização, infraestrutura, segurança, mobilidade e reorganização territorial. Segundo o texto, é possível superar as condições urbanísticas que caracterizam esses territórios como favelas. O “plano de desfavelização” tem relação direta com a segurança pública.

Para Renan, a alternativa para inocular o poder dos líderes de organizações criminosas é colocá-los em grandes unidades de segurança máxima, construídas em regiões mais afastadas. Como exemplo, o plano sugere o Centro de Confinamento do Terrorismo — um superpresídio construído pelo presidente Nayib Bukele, de El Salvador, bastante controverso por ser alvo

de violações dos direitos humanos.

Menos municípios

O candidato propõe uma “grande consolidação municipal” para reduzir de 5.570 municípios para 1.656, “combinando contiguidade geográfica, complementaridade econômica e capacidades fiscais” entre vizinhos. No Nordeste, ele criar Zonas Econômicas Especiais (ZEEs) — com regras tributárias, regulatórias e administrativas diferenciadas para atrair investimentos. Cita os polos mencionados estão regiões ligadas a Suape, Pecém, Araripe e Aratu-Camaçari.

O plano se divide em três blocos: “Estado Novo”, “Reformas de

Base” e “País do Futuro”. Renan propõe, também, alterações no pacto federativo, na educação, na saúde, nos programas sociais e na cultura. Na área fiscal, ele pretende desvincular certos benefícios previdenciários e assistenciais do salário mínimo. A proposta é corrigir pela inflação.

Em relação à saúde pública, Renan sugere o “SUS Fila Zero”, modificando a marcação de consultas, exames e procedimentos. A ideia é priorizar o estado geral do paciente: a referência seria o nível de gravidade. Mais uma vez, El Salvador é usado como referência por meio do programa DoctorSV, plataforma utilizada para os serviços públicos oferecidos.

Zema trabalha para ser nome nacional

» LUÍZA ALTOÉ

O candidato do Novo à Presidência, Romeu Zema, escolheu Montes Claros, no Norte de Minas Gerais (MG), para lançar sua campanha eleitoral. O que o ex-governador de Minas Gerais pretende é se tornar mais conhecido nacionalmente. Na pesquisa Quaest, ele pontuou 2% das intenções de voto. A estratégia é aumentar os contatos diretos com as pessoas — concentrando em atos nas praças e nos locais públicos.

A ideia é viajar pelo país, ocupando espaços na imprensa, por meio de entrevistas, debates e sabinas. O senador Eduardo Girão (Novo), vice na chapa de Zema, disse que o candidato vai trabalhar incansavelmente. “Ele vai no ataque, eu no varejo”, disse o senador ao **Correio**. De acordo com Girão, a proposta é explorar elementos da vida do candidato, como o fato de ser um homem do interior, que “subiu na vida sem rabo preso”.

O senador disse que será aproveitado o histórico de Zema em Minas Gerais, com a ideia de que ele “reorganizou” o estado após a gestão petista de Fernando Pimentel (PT). “Ele tem experiência de gestão de resolver problemas deixados pelo PT, é o único que tem essa característica”, avalia Girão.

Dados concretos

“A campanha entra no período eleitoral com uma missão bem definida: mostrar aos brasileiros, com dados e propostas objetivas, quem é o candidato e o que ele pretende fazer pelo país”, disse o ex-deputado federal Tiago Mitraud (Novo), que atua como um dos principais coordenadores gerais da campanha de Zema.

O foco das próximas semanas será ampliar o conhecimento do eleitor sobre a trajetória de Zema, um empresário “que nunca dependeu da política para viver”.

Wilton Junior/Estação Contéido



A gente não vai perder tempo e falar dos outros candidatos de direita, mas sim, alertar para o grande mal que é esse governo”

Eduardo Girão, candidato a vice na chapa do Novo

Vale lembrar que, antes de ingressar na política e governar Minas Gerais por oito anos, Zema construiu sua carreira no setor privado. Bisneto do fundador do Grupo Zema, ele atuou por décadas na gestão da empresa familiar.

Críticas

O candidato vai manter as críticas à gestão do presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT), cobrando resultados na economia, na segurança e na transparência. “Sem

transformar a disputa em uma troca de ataques pessoais”, afirmou Mitraud.”O que está em xeque agora são 4 anos de um governo do PT que ninguém aguenta mais. São quatro ministros do Supremo que podemos chegar a ter. Que já existe um regime hoje entre Lula e alguns ministros do STF, um caos institucional, insegurança jurídica gerada”, disse Girão.

Em relação ao Supremo Tribunal Federal, o tom também será de ataques: sugerindo mudanças estruturais na Corte e mais equilíbrio entre

NAS ENTRELINHAS

Por Luiz Carlos Azedo



Luizazedo.df@dabr.com.br

maurenilson



Astúcia do povo nas urnas eletrônicas é o mais imponderável nas eleições

Nos dicionários, astúcia é o mesmo que artimanha, esperteza, malícia e sagacidade. Na política, quase sempre tem um significado negativo, porque é uma das características dos políticos para enganar o eleitor. Entretanto, há uma grande diferença entre a astúcia do povo e astúcia dos políticos. A primeira se baseia no bom senso. Já a segunda recorre ao senso comum para atingir objetivos a qualquer preço. obscuros. Não existe momento em que esses atributos sejam mais utilizados do que as eleições.

O folclorista capixaba Hermógenes Lima Fonseca (1916-1996) advogado, contador e pesquisador da cultura, viveu até 1996, quando morreu em Vila Velha (ES), aos pés do Convento da Penha, um dos mais antigos no Brasil. Ele sofreu influências de baianos e mineiros, além da forte atração dos cariocas, que consagraram Roberto Carlos, Nara Leão, Sérgio Sampaio e Rubem Braga.

Hermógenes dizia que “o povo astucia as coisas”. Esse vem sendo o fator mais imponderável das eleições brasileiras desde a redemocratização. Ao que tudo indica, neste ano não será diferente. O dado mais importante das pesquisas eleitorais recentes talvez não esteja na distância entre Luiz Inácio Lula da Silva e Flávio Bolsonaro, mas na revelação da pesquisa espontânea de que a maioria dos eleitores ainda não sabe em quem votar. Nossa história recente está cheia de viradas eleitorais.

Na mais recente Genial/Quaest, Lula aparece com 38% no primeiro turno, contra 31% de Flávio, enquanto Caiado e Renan Santos têm 4%, Zema 2% e Augusto Cury 2%. No segundo turno, Lula marca 43% contra 40% de Flávio: empate técnico, considerando a margem de erro de dois pontos percentuais. Os institutos, porém, apresentam diferenças importantes. A CNT/MDA registra Lula com 42,4% e Flávio com 28,7% no primeiro turno e 48% a 39,1% no segundo. BTG/Nexus aponta 40% a 35% no primeiro e 47% a 44% no segundo.

Não se sabe a verdadeira dimensão do favoritismo de Lula. O número elevado de indecisos nas pesquisas espontâneas revela que uma parcela considerável da sociedade ainda não transformou simpatia, rejeição ou preferência ideológica em decisão eleitoral. Nesse cenário, a experiência recomenda prudência ao projetar o comportamento observado na pesquisa estimulada.

O exemplo clássico é 1994. Lula começou aquele ciclo eleitoral como favorito, mas o Plano Real, lançado durante o governo Itamar Franco, alterou radicalmente o ambiente econômico e social. A estabilização da moeda transformou Fernando Henrique Cardoso, ministro da Fazenda identificado com o Real, no candidato da estabilidade. FHC ultrapassou Lula e venceu no primeiro turno.

Em 2002, Ciro Gomes chegou a ameaçar José Serra na disputa pela vaga no segundo turno. A campanha eleitoral, porém, expôs suas fragilidades, Serra recuperou terreno e terminou enfrentando Lula, que venceu a eleição. Em 2006, Lula parecia ameaçado pelo escândalo do mensalão e Geraldo Alckmin conseguiu levá-lo ao segundo turno. O desfecho foi surpreendente: Alckmin recebeu menos votos no segundo turno do que no primeiro, Lula foi reeleito.

A maior volatilidade ocorreu em 2014. Após a morte de Eduardo Campos, Marina Silva assumiu a candidatura do PSB e desapareceu. No fim de agosto, o Datafolha mostrava Marina com 50% contra 40% de Dilma Rousseff no segundo turno. Poucas semanas depois, o cenário havia mudado.

Em setembro, Dilma tinha 36%, Marina 33% e Aécio Neves apenas 15% no primeiro turno. Na espontânea, expressivos 29% estavam indecisos. Aécio ultrapassou Marina, chegou ao segundo turno empatado com Dilma, com 51% contra 49% dos votos válidos de Dilma, que virou novamente e foi reeleita. Houve três eleições dentro de uma. Pesquisa não é profecia.

A mais surpreendente foi a eleição de 2018, o atentado contra Jair Bolsonaro alterou sua dinâmica e reduziu sua participação presencial. Fernando Haddad havia assumido a candidatura petista com a inelegibilidade e prisão de Lula. Em poucas semanas, mudou tudo. O “azarão” Bolsonaro foi eleito. Mesmo em 2022, quando a polarização Lula-Bolsonaro já estava consolidada, a eleição foi decidida no segundo turno por apenas 1,8 ponto percentual: Lula obteve 50,90% dos votos válidos, contra 49,10% de Bolsonaro.

A campanha eleitoral de 2026 começa oficialmente neste domingo. Há incertezas na economia, na qual inflação, emprego, renda, juros e percepção sobre o custo de vida podem modificar a avaliação do governo. Nos escândalos políticos que atinjam candidatos, familiares ou aliados. Na interferência de Donald Trump e das tarifas norte-americanas. No desempenho dos candidatos no horário eleitoral e nos debates. O mais imponderável, porém, como diria o “Mestre Armojo”, é a astúcia do povo, graças às urnas eletrônicas, que garantem o voto direto, secreto e universal e o princípio da alternância de poder, pilares da democracia brasileira.